



DERIVAÇÃO DE MEDICAMENTOS SÓLIDOS ORAIS PARA USO VIA SONDA NASOGÁSTRICA, NASOENTERAL OU OSTOMIA

Amanda Thiemy Chiozzi Watanabe (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Gisleine Elisa Cavalcante da Silva (Orientadora), e-mail: geccsilva@uem.br

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências da Saúde /
Departamento de Farmácia / Maringá, PR

Área: Farmacologia; Subárea: Farmácia Hospitalar

Palavras-chave: derivação de medicamentos, medicamentos via sonda, trituração de comprimidos.

Resumo:

A administração de medicamentos via sonda é uma prática comum destinada aos pacientes incapacitados de deglutir. Quando esta administração é feita com líquidos, este procedimento é mais fácil. Porém, quando sólidos (comprimidos, cápsulas, drágeas) torna-se um problema frente à escassez de estudos que respaldem este procedimento, pois, será necessária a derivação (trituração) destes para, na forma de solução serem administrados com preservação da segurança e eficácia. **Objetivo:** analisar a possibilidade de derivação dos medicamentos sólidos orais para administração via sonda, e os cuidados e recomendações relativos ao procedimento. **Metodologia:** realizou-se a classificação dos medicamentos sólidos orais, segundo o *Anatomical Therapeutic Chemical Code*, padronizados num Hospital Universitário do Paraná e selecionou-se os níveis G, H, J, L, M, N, P, R, S e V para análise da possibilidade de derivação para administração via sonda e os cuidados e recomendações relativos a este procedimento. O Serviço de Informação sobre Medicamentos do hospital disponibilizou as ferramentas de pesquisa. **Resultados e Discussão:** as formulações sólidas orais representaram 24% da padronização. Destas 15,5% (88) foram incluídas no estudo, sendo a maioria pertencente aos níveis J (33%), N (33%) e P (9,1%) do Código ATC, sendo 54,5% comprimidos; 22,7% comprimidos revestidos e 14,8% cápsulas. A maioria deles (63,6%) era passível de ser triturados para administração via sonda e 36,4% não. **Conclusão:** as informações obtidas são de grande importância para o serviço de saúde na promoção da segurança e eficácia



FUNDAÇÃO
ARAUCÁRIA

CNPq
Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico



PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Ciência, Tecnologia
e Ensino Superior



da administração de medicamentos sólidos via sonda e melhoram a qualidade do processo de cuidado ao paciente.

Introdução

A administração de medicamentos via sonda é uma prática comum em hospitais destinada aos pacientes incapacitados de deglutir, porém com o trato gastrointestinal funcionando e, geralmente, está associada ao uso de nutrição enteral (NE). Porém, quando sólidos (comprimidos, cápsulas, drágeas) torna-se um problema frente à escassez de estudos que respaldem este procedimento, pois, será necessária a derivação (trituração) destes para, na forma de solução serem administrados com preservação da segurança e eficácia. Esta preocupação é ainda maior quando estes possuem formulações especiais, como por exemplo, os de revestimento entérico ou microencapsulados, que via de regra não podem ser triturados, pois sofrerão alterações em sua farmacocinética (GORZONI, et al, 2010). Além disso, existem medicamentos sólidos que não devem ser triturados devido ao risco à saúde do manipulador, são eles: os teratogênicos, carcinogênicos, citotóxicos, hormônios, análogos de prostaglandina e fármacos potencialmente alergênicos (HOEFLER E VIDAL, 2009). Outro fator a se considerar é a possibilidade de interações com a NE. As interações medicamento *versus* nutriente incluem uma vasta gama de consequências na farmacoterapia, que variam seus efeitos, podendo causar aumento, diminuição ou até mesmo anulação do efeito desejado, por interagir na absorção, excreção, diminuir a concentração do fármaco (REIS, 2004). Diante do apresentado, realizou-se este estudo para analisar a possibilidade de derivação dos medicamentos sólidos orais padronizados em um hospital universitário para administração via sonda, bem como os cuidados e recomendações relativos a este procedimento.

Materiais e métodos

Este estudo foi realizado em um Hospital Universitário do Paraná. O serviço de Farmácia Hospitalar disponibilizou a padronização de medicamentos e dela extraiu-se a amostra analisada, a qual se constituiu pelos medicamentos sólidos orais que foram avaliados quanto a viabilidade de derivação para posterior administração via sonda. Os sólidos orais foram classificados segundo o *Anatomical Therapeutic Chemical Code* (Código ATC), e selecionou-se de acordo com a conveniência do serviço os níveis G,





H, J, L, M, N, P, R, S e V para análise. O Serviço de Informação sobre Medicamentos do hospital disponibilizou as ferramentas de pesquisa. Os dados coletados foram compilados na forma de tabelas, sendo uma composta pelos medicamentos sólidos orais que podem ser derivados e a segunda aqueles que não podem.

Resultados e Discussão

As formulações sólidas orais representaram 24% (136) do total de formulações existentes na padronização de medicamentos do hospital em questão. Destas, 15,52% (88) foram incluídas no estudo. Foram encontrados e analisados sólidos orais na forma de comprimido; comprimido revestido; comprimido mastigável; comprimido de liberação prolongada; cápsula gelatinosa dura; cápsula gelatinosa mole; drágea e granulado. A maior parte foi a de comprimidos (54,5%), comprimidos revestidos (22,7%) e cápsulas (14,8%). A classificação ATC foi realizada para nos níveis G (Sistema geniturinário e hormônios sexuais); H (Preparados hormonais sistêmicos); J (Anti-infecciosos de uso sistêmico); L (Agentes antineoplásicos e imunomoduladores); M (Sistema musculoesquelético); N (Sistema nervoso); P (Antiparasitários); R (Sistema respiratório); S (Órgãos dos sentidos) e V (Vários), sendo mais prevalentes os níveis J (33%), N (33%) e P (9,1%). Em relação à possibilidade de derivação e administração via sonda 63,6% eram compatíveis (Tabela 1). Apesar de a maioria ser passível de derivação, a percentagem daqueles que não podem é grande, portanto recomenda-se muita cautela na realização deste procedimento, pois o risco de triturar indevidamente um medicamento sólido oral é alto, e conseqüentemente o risco de causar danos ao paciente também o é. Além disto, deve-se considerar o risco de obstrução da sonda que um medicamento sólido oral derivado pode causar, e o risco das interações medicamento *versus* nutrição enteral, ambos trazem complicações importantes ao tratamento do paciente. Em geral devem-se observar os seguintes cuidados: técnica de derivação padronizada (usar gral e pistilo, em ambiente com exaustão de pós), interrupção da NE com lavagem da sonda antes e após administração do medicamento.

Tabela 1 – Classificação dos medicamentos sólidos orais segundo a possibilidade de derivação para administração via sonda nasoenteral, nasogástrica ou ostomia.





Medicamentos Sólidos Orais	Número	Porcentagem
Podem ser derivados e administrados via sonda	56	63,6 %
Não podem ser derivados e administrados via sonda	32	36,4 %
Total	88	100 %

Conclusões

O conhecimento preciso sobre a viabilidade de derivação de medicamentos sólidos orais obtidas neste estudo são de grande importância para o serviço de saúde em questão, no sentido de promover a segurança e eficácia deste tipo de administração e para melhorar a qualidade do processo de cuidado ao paciente. A maioria dos medicamentos analisados neste trabalho foi compatível com a derivação para administração via sonda, porém deixa-se o alerta para a realização deste procedimento, em que no mínimo as recomendações gerais para realizá-lo sejam seguidas, evitando assim que o paciente seja exposto a eventos adversos que podem ser preveníveis.

Agradecimentos

Ao CNPq e a Fundação Araucária pela concessão da bolsa. A minha orientadora, Gisleine Elisa Cavalcante da Silva, pelo auxílio e empenho dedicado à elaboração deste trabalho

Referências

GORZONI, M. L.; DELLA TORRE, A.; PIRES, S. L. Medicamentos e sondas de nutrição. **Revista da Associação Médica Brasileira**, São Paulo, v. 56, n. 1, p. 17- 21, 2010.

HOEFLER, R.; VIDAL, J. S. Administração de medicamentos por sonda. **Farmacoterapêutica**, n. 3-4, p. 1-4, 2009.

REIS, N. T. **Nutrição Clínica: Interações**. Rio de Janeiro: Editora Rubio, 2004.

